

## **Por meio de lentes migrantes: olhares femininos sobre o Brasil**

A história de quem migra é única e singular. Ainda que a migração no século XX tenha se constituído num fenômeno social de grandes dimensões podendo ser analisado sob diversos aspectos e pontos de vista, porém existem muitos silêncios a serem ouvidos. A história das mulheres que migraram para o Brasil e que aqui passaram a se dedicar à fotografia é um desses silêncios. Quais relações se dão entre o processo de migração e o fotografar? Como se deu a escolha da fotografia como fazer artístico e a escolha de seus objetos a serem fotografados? Qual a relação entre o feminino e o fotografar? Enfim como seus olhares sobre o Brasil foram construídos.

Os entrelaçamentos dessas questões, a experiência migratória, os conflitos de gênero, de nacionalidade e identidade nacional e a influência desses no processo artístico do olhar fotográfico sobre o Brasil, são centrais para esse projeto. Migrar pode ser em alguns casos sinônimo de sobrevivência, luta, transgressão e transformação. É parte do direito de ir e vir.

O século XX é marcado pelas duas Guerras Mundiais que geraram um alto contingente imigratório. As fotógrafas Alice Brill, Claudia Andujar, Hildegard Rosenthal vieram para o Brasil fugindo da ascensão do Nazismo e da Segunda Guerra Mundial. Embora ainda muito jovens é possível perceber o quanto a guerra marcou as artistas, e como tal fato marca suas produções artísticas e seus olhares sobre o Brasil, escolhendo muitas vezes como objeto a ser fotografado as minorias, ou figuras marginalizadas como os índios que aparecem muitas vezes presentes nas suas obras.

Pretende-se também juntamente com as fotógrafas realizar uma análise iconográfica que ajude a compreender como os processos migratórios foram refletidos em suas imagens.

Daí a importância da pesquisa histórica para a construção da memória dessas artistas que migraram e que registraram seus olhares através da fotografia. Tornar visíveis as relações sociais, os conflitos culturais na inserção dessas mulheres no Brasil e reverberar suas experiências e seus olhares imigrantes sobre o país.

O fluxo migratório nas grandes cidades ascendeu expressivamente nas primeiras décadas do século XX. Compreender como e porque se deu a escolha da imigração dessas mulheres para o Brasil especificamente, é um dos questionamentos deste estudo.

A técnica da história oral como metodologia de trabalho estará presente neste trabalho para dar voz às agentes históricas e para que os silêncios históricos sejam revelados.

Embora as pressões políticas e econômicas frequentemente influenciem as decisões da migração, o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuíram para a migração das artistas.

Três das fotógrafas elencadas para serem estudadas nessa pesquisa migraram para o Brasil em decorrência da Segunda Guerra Mundial e da perseguição nazista anti-semita.

A ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista em 1933 leva ao poder Adolf Hitler, tomando o posto de chanceler do *Reich*. A partir dos primeiros anos no poder, Hitler começa por em prática seus conceitos de nacionalismo, reafirmação do antissemitismo latente e políticas legislativas racistas. Algumas destas idéias estavam formuladas no livro *Mein Kampf* (Minha Luta), onde Hitler constrói a imagem de um espaço vital para a Alemanha, expondo seus conceitos de estado racista que deveria eliminar da sociedade todos os indivíduos doentes ou que colocasse em atraso, ou risco a evolução da supremacia da raça ariana, defendida por ele como o ideal racial. Esse trabalho tem como apoio o acervo de entrevista do Núcleo de História Oral do Arquivo Virtual sobre o Holocausto – *Arsqshoah*, que disponibiliza para consulta narrativas e iconografia de sobreviventes e refugiados que migraram para o Brasil. O acervo do Arquivo Virtual Histórias Migrantes também poderá contribuir para a realização desse estudo que se inicia.

A partir da minha participação no Arquivo Virtual de Histórias Migrantes, onde trabalhei com artistas imigrantes, despertou-me uma grande curiosidade em entender a trajetória de vida dessas mulheres. A escolha da História Oral como técnica de pesquisa foi feita para que possamos confrontar a historiografia sobre o tema com as narrativas elaboradas a partir das entrevistas com as próprias imigrantes, assim no final dessa análise será possível preencher eventuais lacunas historiográficas e “silêncios

propositais”. Conforme o trabalho de Maria Luiza Tucci Carneiro, “(...) fugindo das perseguições nazi-fascistas, percorreram caminhos sinuosos, rompendo as barreiras burocráticas erguidas pelo antissemitismo latente nos países identificados com a política do III Reich. (...) tendo como único objetivo recomeçar. Tais registros rompem as barreiras da memória, trazendo a tona os “não-ditos” pelas fontes escritas ou, então confirmando, a partir de fragmentos de suas histórias de vida, a prática do antissemitismo político e xenófobo sustentada por parte da elite diplomática e intelectual brasileira. Com base na dinâmica da história oral, torna-se possível – através dos testemunhos – resgatar as lembranças desses peregrinos que um dia acreditaram ter uma pátria – mãe”<sup>1</sup>. Para ilustrar destaco um trecho do depoimento de uma das imigrantes refugiadas do holocausto Alice Brill que emigrou para o Brasil em 1934 :

“A fotografia me acompanha desde criança (...) Quando minha mãe e eu deixamos a Alemanha, fugindo do nazismo eu tinha 12 anos, levando como presente de meu pai uma minicâmera Agfa, tipo caixão, produzindo fotos de 3x4 cm. Com ela registrei as impressões da viagem pela Espanha e Itália, antes da emigração definitiva para o Brasil. Sempre estive muito ligada à representação das imagens, praticando desenho e pintura, além de fotografia. Esta atividade me ajudou muito a superar as dificuldades que a vida de emigrante impõe.”<sup>2</sup> Após 1945 o mundo toma conhecimento das barbáries praticadas pelos nazistas. O Brasil tem uma postura ambígua, muitos refugiados e posteriormente um grupo diferente de imigrantes chega neste território. São os sobreviventes de guetos e campos de concentração.

Outra das fotógrafas, Cláudia Andujar, relata na apresentação de seu livro “Marcados” – livro de fotografias dos índios yanomami- como a experiência do holocausto deixou marcas que influenciaram seu trabalho. Nessa apresentação a

---

<sup>1</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Histórias de vida dos judeus refugiados do nazi-fascismo. Questões teóricas e metodológicas. IN. (Re) Introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo; Xamã, 1996. p. 269

<sup>2</sup>BRILL,Alice\_Depoimento\_ItauCultural\_URL[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_depoimentos&cd\\_verbete=1007&cd\\_item=16&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_depoimentos&cd_verbete=1007&cd_item=16&cd_idioma=28555)

fotógrafa faz um paralelo entre 1944 quando aos 13 anos, na Transilvânia, teve encontro com os “marcados para morrer”, sua família, amigos e Gyri, rapaz judeu que amou, tinham a estrela de Davi costurada à roupa. “Antes de me refugiar na Suíça, frequentava uma escola judia e morava num internato católico. Meu mundo, essencialmente, eram meus amiguinhos judeus, companheiros de escola. Todos levados à Auschwitz. Eu me sentia muito impotente, esta situação me marcou muito, queria fazer algo e não conseguia. Meu envolvimento com os grupos minoritários, como os Yanomâmis vem daí. Até hoje isso me toca profundamente. Eu queria salvar as pessoas.”<sup>3</sup>

Kossoy em *Fotografia e História* afirma o papel do fotógrafo como “filtro cultural” e afirma que dados da biografia do autor das imagens são parte do processo de investigação iconográfica. “A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético - a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.”<sup>4</sup>

Bourdieu no prefácio de *a Imigração de Abdalmaleck Sayad* descreve o imigrante como ser bastardo, incômodo à idéia de Estado Nação. Cujo deslocamento e não pertencimento proporcionaria ao imigrante a posição de “profundo analista do inconsciente”

“Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o” imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da

---

<sup>3</sup>ANDUJAR, Claudia\_Entrevista\_Cosac\_Naif\_URL:[http://editora.cosacnaify.com.br/Obr\\_aEntrevista/11016/3/Marcados.aspx](http://editora.cosacnaify.com.br/Obr_aEntrevista/11016/3/Marcados.aspx)

<sup>4</sup> KOSSOY, Boris. O Fotógrafo: Um Filtro Cultural, *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001 p.42 e 43

visão oficial - apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade. Presença ausente, ele nos obriga a questionar não só as reações de rejeição, que, ao considerar o Estado como uma expressão da Nação, justificam-se pretendendo fundar a cidadania na comunidade de língua e de cultura (quando não de “raça”), como também a “generosidade” assimilacionista, que, confiante em que o Estado, armado com uma educação, saberá produzir a Nação, poderia dissimular um chauvinismo do universal. Entre as mãos de semelhante analista, o “imigrante” funciona como podemos notar como um extraordinário analista das regiões mais obscuras do inconsciente.”<sup>5</sup>

Parte importante da pesquisa é compreender como esse “não lugar” do imigrante e essa posição de “profundo analista do inconsciente” atua como filtro cultural nos olhares sobre o Brasil das fotógrafas.

Para isso utilizarei a técnica da História Oral. “Atualmente, a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Por isso a história oral hoje é parte inerente dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como “história viva.”<sup>6</sup>

A história oral é o caminho percorrido para se ter acesso às narrativas e compreender como ocorre a interpretação e organização das suas vivências dos colaboradores entrevistados.

Os procedimentos da história oral não se limitam a buscar as narrativas das artistas migrantes, expressam as experiências de cultura, política, relações familiares, idiomas, religiosidades e demais aspectos.

---

<sup>5</sup>Bourdieu, Pierre IN SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>6</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, 5<sup>o</sup> ed. São Paulo. Edições Loyola. 1996 p.21

A história oral é observada nesta pesquisa como “uma prática de apreensão de narrativas feita mediante o uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato.”<sup>7</sup>

Como metodologia de trabalho as entrevistas serão gravadas e editadas no processo transcritivos. Esses relatos elaborados traduzem experiências muitas vezes “restritas aos consultórios de psicologia, aos segredos de família, às intimidades ou ao mistério não dito da vida, podendo, desse modo, chegar aonde normalmente o conhecimento historiográfico, antropológico ou sociológico tradicional não vai”.<sup>8</sup>

A metodologia do trabalho com fontes orais permite as artistas imigrantes, ao assumirem a narrativa do texto que compõem sua versão da história, elaborarem um rico universo de vivências coletivas.

Outro conceito que será desenvolvido nesta pesquisa é a questão da memória coletiva, importante para os trabalhos com fontes orais. “(...)Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’, no caso de uma memória nacional.(...)”<sup>9</sup>

Assim, esta pesquisa que ainda se encontra em fase embrionária, visa conciliar o “não lugar” da mulher, da artista e da imigrante, para melhor compreendê-las em seus processos migratórios e artísticos, nos quais reinventaram suas próprias vidas.

Na Figura abaixo se encontram expostas fotografias de autoria das artistas.

---

<sup>7</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral, 5º ed. São Paulo. Edições Loyola. 1996, p. 17

<sup>8</sup> Ver artigo de Alberto Lins Caldas (URL:

<http://www.unir.br/~albertolinscaldas/artigos/transcrição.html>)

<sup>9</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Vol.2 nº 3. Rio de Janeiro, 1989. p. 02



Figura 1: Fotografias de autoria de: (A) Alice Brill (B) Claudia Andujar (C) Maureen Bisilliat (D) Hildegard Rosenthal.

## **BIBLIOGRAFIA**

BENJAMIN, W. *Pequena história da fotografia*. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107.

CARNEIRO, M. L. T.; KOSSOY, B. *O olhar europeu*. São Paulo: Edusp, 2002.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva e Memória Histórica*. São Paulo. Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LAMAS, Berenice Sica. *Mulher: Processo Criativo Para Além do Biológico*. Porto Alegre, 1993. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade. Instituto de Psicologia, PUCRS.

LAMAS, Berenice Sica. *Processo Criativo Feminino*. In: CARDOSO, Reolina S. (Org.) *É uma Mulher...* Petrópolis: Vozes, 1994, p.81-100.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*, 5º ed. São Paulo. Edições Loyola. 1996

PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Vol.2 nº 3. Rio de Janeiro, 1989.

PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

SAID, Edward. *Orientalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SELIGMANN-Silva, Márcio. (org.) *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas. Unicamp, 2003.